

Povos Indígenas no Brasil

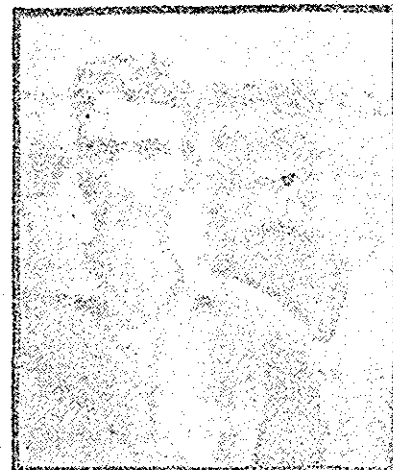
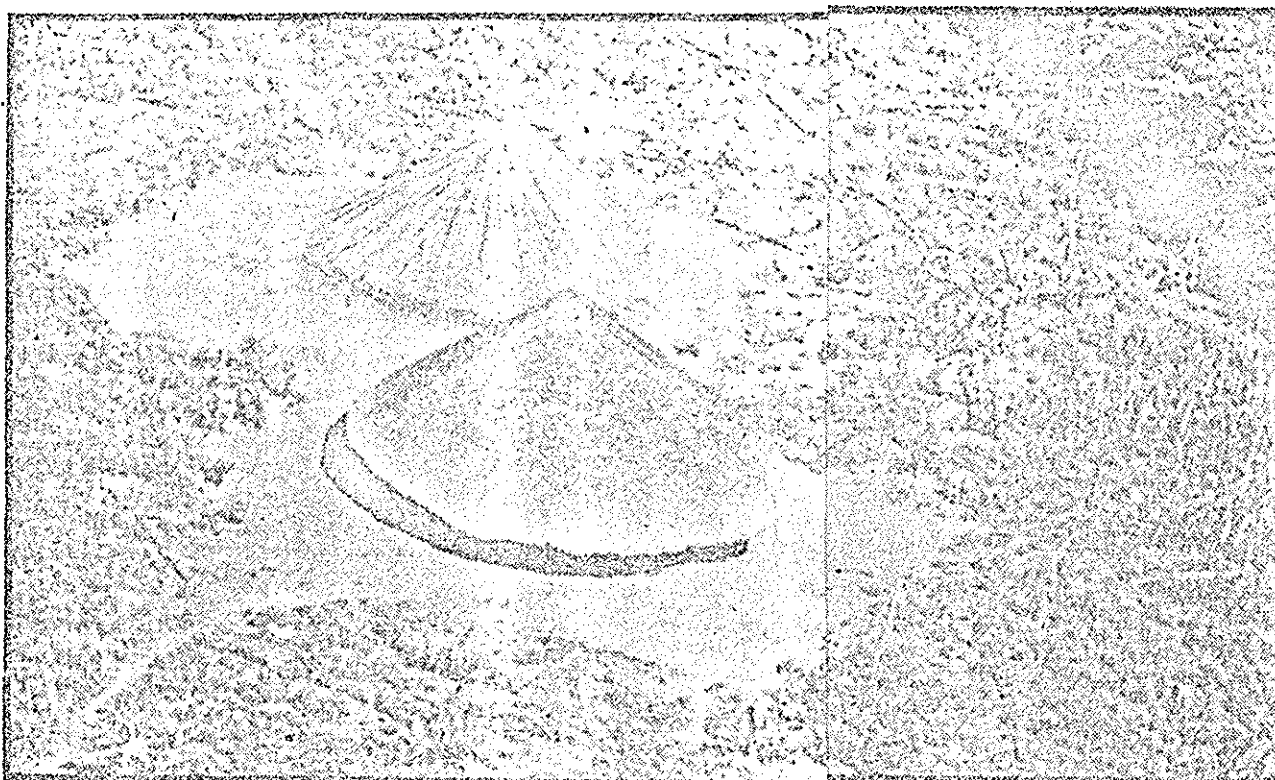
Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: 09

Data: 25.11.68

Pg.: _____

O MISTÉRIO DA MANCHA NA SELVA



Durante 23 dias, cortando a floresta a pé ou em barcas improvisadas, Alvaro Paulo, o Mineiro, foto acima, fugiu dos índios Atoaris. Ele é o único sobrevivente, até agora, da expedição do padre Calleri. Durante a sua fuga, ele encontrou dois corpos mutilados, no aldeia dos Atoaris, foto ao lado.

OS CORPOS SUMIRAM

Os corpos mutilados que Mineiro viu na aldeia dos Atoaris são as manchas que uma equipe da FAB avistou do alto, de um avião. Ontem, o PARASAR desceu na aldeia: não havia corpos. Por tradição, os Atoaris, quando matam um branco, não tocam em seu corpo, com medo dos maus espíritos. No lugar dos manchos e dos corpos que a FAB e Mineiro viram, havia apenas um coldre de pistola, um soutien, uma bacinha de faca, um pedaço de cobertor e um pedaço de papel escrito, mas indecifrável. Nenhuma mancha de sangue, nenhum vestígio de luta, nenhum índio — e os Atoaris, também por tradição, mudam de aldeia quando matam alguém. A expedição do padre Calleri, foto ao lado, levava duas mulheres — segunda foto. Ela continuará sendo procurada hoje, por cr e por terra, pela FAB. O texto é de Waldir Sanches, as fotos são de Milton Ferroz.



Os índios Atoaris iam ficando cada dia mais irritados com os brancos: estalavam a língua, batiam com as mãos nas próprias nádegas.

Ficavam irritados por causa de pequenas reclamações que recebiam. E, também, porque o chefe da expedição dos brancos, padre Calleri, invadiu uma de suas malocas, um dia, para ver o que havia dentro — havia um depósito de flechas.

Os dez brancos da expedição ficavam cada dia mais desconfiados dos índios. Alguns sentiam medo, queriam voltar a Roraima, de onde saíram.

Ficavam desconfiados porque os índios escondiam o depósito de flechas, irritavam-se à toa. E, também, porque guiavam a expedição por caminhos errados, às vezes em círculo.

Os índios agora abandonaram a taba. É uma tradição deles: quando matam alguém, mudam-se de lugar.

— Vi dois corpos mutilados perto das malocas dos Atoaris.

Uma das equipes de busca e salvamento da FAB já os tinha visto também, mas de muito alto, de um avião. Um dos corpos era de mulher, de Maria Mercedes Sales, Alvaro Paulo, o Mineiro, só o reconheceu pelas roupas — uma camisa clara e uma calça de brim azul. O outro corpo ele não conseguiu identificar.

— Só lembrei de correr. Depois, fiquei escondido até anoitecer.

Um helicóptero a jato pousou ontem no lugar onde Alvaro Paulo e a equipe da FAB

viram os dois corpos mutilados. Levava seis homens do PARASAR. Era o início da "Operação Resgate". Não havia índios na clareira. Nem os dois corpos. Só um coldre de pistola, um soutien, uma bacinha de faca, um pedaço de cobertor e um pedaço de papel escrito, as palavras já apagadas por causa das chuvas que caíram. Poderia ser, talvez, uma mensagem do padre Calleri ou de algum dos expedicionários.

Os objetos encontrados, segundo o pessoal do PARASAR, são indícios de que houve violência. Mas não há sangue, nem corpos — e os Atoaris, quando matam algum branco, não tocam em seu corpo, com medo de maus espíritos. A FAB pode ter-se enganado: a sua equipe, do avião, avistou na clareira apenas algumas manchas, provavelmente corpos. Mas Alvaro Paulo, o Mineiro, afirmou que os viu de perto. Como eles não estão mais lá? Os índios os teriam levado, quebrando a tradição?

— Não tenho autoridade para responder. Só conheço índios de carnaval — diz o tenente Everardo Ferreira Ribas, diretor da Divisão de Buscas e Salvamentos da Diretoria de Rotas Aéreas.

Os corpos seriam a confirmação das suspeitas de Mineiro e de todos os seus amigos da expedição. E o resultado da irritação dos índios. Os primeiros contatos entre os brancos e os Atoaris foram pacíficos.

— As quatro da manhã do dia 25 de outubro, dois dias depois que saímos de Manaus, ouvimos cantos parecidos com os de galos. Eram os índios. Padre Calleri, chefe da expedição, me mandou dar três tiros para o alto. O resto do pessoal desceu o equipamento de rádio. Um índio então se aproximou: queria trocar flechas por panelas — lembra Mineiro.

E a expedição já tinha estado em São Gabriel, onde pegou um helicóptero para ir até o igarapé Santo Antônio, 230 quilômetros ao Nor-

te de Manaus. De lá, avançou rumo Leste-Oeste, num barco a motor, até a aldeia de Maloca Queimada, sem encontrar índios.

Uma das mulheres e dois homens da expedição ficaram na aldeia. Os outros sete — entre eles uma outra mulher — prosseguiram rumo Oeste, a procura de outras malocas. Acamparam num chavascal (brejo), já de noite. E, pela manhã, ouviram os índios cantando. O que queria trocar flechas por panelas pediu os sete expedicionários até a maloca Chamaroaca.

Apareceram mais dois índios, algumas crianças e crianças, trazendo presentes: bananas e bijus. O padre Calleri mandou descarregar a sua bagagem. Estava entre os Atoaris. A sua missão começava: pacificá-los e transferi-los de aldeia, por causa da estrada Manaus-Veracruz, que passará dentro da região onde eles estão.

O tucavá da tribo, o cacique, ofereceu bananas e jacaré cozido às sete pessoas da expedição. A seu chefe, padre Calleri, deu as boas-vindas, passando-lhe a cuspia na boca.

Em retribuição, o padre Calleri deu aos índios várias tesouras, facas, linhas e anzóis. Fingiu estar com fome, logo depois, para poder entrar numa maloca que estava sendo bem guardada, desde que ele chegou à aldeia. Conseguiu entrar, mas foi retirado no mesmo instante.

O padre Calleri viu, dentro da maloca, dezenas de flechas.

No dia 27 de outubro, dois dias depois que as comunicações com Manaus foram interrompidas, a expedição tentou convencer os Atoaris a acompanhá-la até o primeiro acampamento, na aldeia de Maloca Queimada, onde haviam ficado a mulher e os dois homens.

Só 14 índios aceitaram. Saíram da taba com a expedição, guiando-a por caminhos errados.

Alvaro Paulo, o Mineiro, pediu-lhes então, com gestos e sinais, que os conduzissem por caminhos certos.

A expedição chegou à aldeia de Maloca Queimada, depois de seis horas de viagem. Mas os índios estavam muito irritados. E haviam com as mãos nas nádegas, e estalavam as línguas — estavam com raiva.

— No dia seguinte, 28, uma segunda-feira, eu disse ao padre Calleri: a barra está muito pesada. Estou mesmo resolvido a não ir mais adiante. O senhor continua muito rígido e os índios cada vez mais bravos — disse Mineiro.

O padre o aconselhou a esperar uma canoa que havia subido o igarapé Santo Antônio, com três homens. Poderia usá-la para voltar. Um outro homem da expedição avisava: "A coisa não está boa, padre. Eles até cuspiram na gente. Vamos dar todos os nossos presentes para eles e ir embora". O padre Calleri procurou Mineiro e pediu:

— Vamos partir por nove dias. Espere aqui pela gente, para voltarmos todos juntos. Você fica tomando conta do acampamento.

O Mineiro aceitou. Antes de partir, o padre Calleri quis fotografar alguns índios dentro da canoa, perto de uma cachoeira. Os índios tremiam de medo. Nesse mesmo dia, um índio mexeu em vários pratos que estavam guardados numa barraca. Houve queixa, o padre ficou nervoso, disse para os índios: Marupá.

E os índios se irritaram ainda mais. Marupá, para eles, é uma ameaça. A expedição partiu de brancos, desconfiados, os índios, raivosos. Mineiro, que ficou, cortou algumas seringueiras e construiu uma pequena jangada. "Pensava que a expedição seria morta: Eu também, se ficasse ali".

— Ai a revolta chegou em mim. Pensei em voltar, mas não tinha jeito. Pelo brejo não

dava, por rio também não, que eu não tinha barco. Fiquei muito nervoso, com a sensação de que meus companheiros me chamavam. Foi quando tomei uma decisão: a de pegar a espingarda e seguir para as malocas dos Atoaris. Encontrar o resto da expedição.

O canto de um pássaro assustou Mineiro, perto das malocas. Aproximou-se com muito cuidado. "Estava tudo muito silencioso, não havia ninguém na aldeia. Ai, me acabei, fiquei feliz. Pensei que o padre tivesse chegado e ido com os índios para outro lugar".

Mineiro viu, então, segundo diz, dois corpos mutilados — um de um homem, o outro de uma mulher, Maria Mercedes Sales. Caminhou até o primeiro acampamento, onde apanhou feijão em lata, um machado, uma panela e um cachorro. Seguiu na balsa que havia feito, durante dois dias, até um acampamento da Translan, uma companhia construtora.

— Eu tinha sempre a impressão que um índio me seguia.

No dia 8 de dezembro, a canoa virou. Mineiro perdeu os alimentos. Tentou matar um Mutu, o cano de sua espingarda rachou. No dia seguinte, encontrou dois homens num barco a motor. E eles o levaram até Itaguatara, 230 quilômetros a Leste de Manaus. Estava barbado, cansado e com fome — "mas estava feliz, chegava à civilização".

No mesmo dia, à tarde, Mineiro foi resgatado por um avião Catalina da FAB. E contou, em Manaus, à Divisão de Buscas e Salvamentos, que viu dois corpos mutilados perto das malocas dos Atoaris, durante a sua fuga.

O helicóptero a jato do PARASAR, com seis homens, saiu para apanhar os corpos. E não encontrou nada, nem indícios. Hoje, deverá partir de Manaus, a pé, uma outra expedição para esclarecer tudo.

O TRABALHO DA FAB

O helicóptero a jato e o Catalina usados pela FAB na operação de busca e salvamento à expedição do padre Calleri, morta ou perdida em Roraima, carregam vacinas, rações, medicamentos, presentes para os índios, creolina, tambores de gasolina e formol. Decolam todos os dias às 7 da manhã no aeroporco de Campo Pelado, em Manaus. Em Moura, base avançada da operação, há um Aerocomander em sobreaviso. Mais informações sobre o expedição na página 45.

